

A Igreja Cristã voltando para casa, um sonho ou um desafio?

Por Marcelo M. Guimarães (*)

Em todos os meus livros, tenho repetido propositalmente uma sinopse sobre a história da Igreja, mostrando o seu gradativo distanciamento da Igreja do Primeiro Século, vivida por Yeshua e seus discípulos.

O grande desafio no momento, creio, é tentar restaurar a Igreja do primeiro século, procurando saber como ela era, como funcionava, onde se reunia, o que pregava, e como viviam Yeshua, seus apóstolos e discípulos. Além disso, qual era a relação deles com a Torá e os livros dos Profetas?

Pessoalmente, creio que a Igreja está entrando no último período de sua história. Primeiro, tivemos a autêntica Igreja do primeiro século; depois, esta mudou-se para Roma, e passou a ser dirigida de lá à partir do século IV. No século XVI, tivemos a Reforma Protestante, e agora, creio, muitos entrarão na fase da Restauração de todas as coisas, conforme dito em Atos 3:19-21: *“...Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, de sorte que venham os tempos de refrigério, da presença do Senhor, e envie ele o Cristo, que já dantes vos foi indicado, Jesus, ao qual convém que o céu receba até os tempos da restauração de todas as coisas, das quais D’us falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio.”*

Se tirarmos uma “foto” espiritual da Igreja Cristã atual descobriremos muitos e muitos pontos que necessitam ser repensados, se considerarmos a Igreja deixada por Yeshua e seus discípulos como modelo a ser seguido.

A Igreja de Yeshua vivia no contexto judaico da época, fiel aos princípios da Torá ou de todo o Tanach (chamado Antigo Testamento), quando Paulo afirmou em sua carta a Timóteo que: *“...toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de D’us seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra.”* (II Tim 3:16-17). Na época em que Paulo escreveu este texto, obviamente não existia ainda o que conhecemos por Novo Testamento, composto pelos quatro evangelhos, as cartas do próprio Paulo, João, Pedro, Tiago e outros. Quando Paulo diz “Escrituras”, com certeza absoluta estava referindo-se ao Tanach judaico.

Yeshua era e continua sendo judeu. As Escrituras são 100% judaicas, e foram escritas segundo o contexto do pensamento judaico, tendo como base a santa Torá, um conjunto de livros escritos pelo próprio D’us através de Moisés. Os profetas seguiram essas mesmas instruções (Torá significa “instrução, Palavra de ensino de D’us”). Yeshua, seus discípulos e os primeiros gentios crentes viveram também dentro deste padrão de fé e revelação.

Não tenho aqui nenhum propósito de chocar meus irmãos em Yeshua, e tão pouco trazer confusão, introduzindo novas doutrinas, Halila!(de modo nenhum ou D’us me livre desta maldição!). Absolutamente, não! Apesar de não ver a Igreja atual vivendo integralmente nos moldes existentes do primeiro século, vejo-a cumprindo sua missão de levar as Boas Novas às nações, segundo o “ide” de Yeshua, salvando milhares e milhares de vidas, por meio da fé no Messias, nosso único caminho para a salvação e a vida eterna. Portanto, vejo a Igreja Cristã como bênção e me sinto parte deste Corpo.

Mas, com amor, carinho e respeito, gostaria de levantar alguns questionamentos históricos sobre a Igreja da Reforma (incluindo aqui suas inúmeras ramificações e denominações) em relação à Igreja Católica, da qual os da Reforma se separaram.

Os Evangélicos em geral, sentem-se muito confortados pela abençoada Reforma, pela qual desligaram-se há mais de quatro séculos e meio do sistema da Igreja de Roma; mas será que nada precisa ser mudado, em relação a este estado de “conforto”?

Eu tenho um profundo respeito pela Igreja Católica. Eu fui seminarista católico por mais de seis anos. Recebi dos padres católicos uma excelente educação, eles contribuíram muito para a minha formação pessoal e profissional, sendo instruído nos mais altos princípios morais, sociais e mesmo religiosos, ensinaram-me, sobretudo, o amor a D’us e ao próximo. Tenho acompanhado as transformações do catolicismo nos últimos 40 anos e me alegro muito com o progresso que eles tem feito no ensino da Palavra de D’us. Entretanto, isto não me impede que, de maneira respeitosa, eu aponte erros e distorções históricas dela em relação à Bíblia, bem como em relação ao povo judeu e à terra de Israel.

Sabemos que uma coisa é *ser livre*, e outra é *ser liberto*. São dois processos diferentes, que deveriam andar sempre juntos, mas às vezes, isto não acontece na prática. Que a Igreja da Reforma se viu livre de Roma, e aparentemente do seu sistema, sabemos que é verdadeiro, mas como ela está em relação à autoridade de sua antecessora? Analisemos alguns pontos, por exemplo:

1. A Igreja Católica reconhece que mudou o dia do Senhor de sábado para o domingo, por meio de muitos Concílios como o de Laodicéia (ano 336d.C.), após o Imperador Constantino ter pedido a “Venerabilis Die Solis” (O venerável Dia do Sol). Vários líderes da Igreja trabalharam a favor desta mudança, como Graciano, Valentiniano, Teodósio e outros, no século IV. Depois, no século V, o Papa Inocêncio publicou a guarda e o jejum aos domingos. O Concílio de Orleans reforçou a mudança do sábado para o domingo, e finalmente no ano 590 d.C., o Papa Gregório solidificou para sempre o domingo como o dia do Senhor. São inúmeros os textos bíblicos¹ que mostram a Igreja do Primeiro século (constituída de judeus e gentios) celebrando o Shabat. Qual tem sido a opção da Igreja da Reforma em relação a esta mudança?
2. A Igreja Católica desvinculou-se do calendário litúrgico judaico, para impor seu próprio calendário. Ela se diz neste direito, e não temos o que discutir. Mas, cabe a nós a decisão de segui-lo ou não. Por exemplo, os evangélicos celebram o mesmo domingo da ressurreição definido por Roma. O fato em si não é, em minha opinião, nem um pouco relevante. Mas, o que estou propondo à discussão é sobre o princípio de autoridade que foi estabelecido. Para mim, a Bíblia deve ser o nosso único padrão de fé e conduta; se a Bíblia apresenta um calendário litúrgico que aponta para a primeira e segunda vinda de Cristo, por que, então, não segui-lo?
3. A Igreja Católica nunca negou que o Natal foi de sua autoria. Ela fixou o dia 25 de dezembro como o dia do nascimento de Cristo. Neste dia, os romanos celebravam também o “Natalis invicti Solis” (O nascimento do sol vitorioso). Qual tem sido a postura da Igreja da Reforma em relação à esta celebração? (observe que não estou preocupado com o dia do nascimento de Cristo, mas com o princípio de autoridade de quem assim determinou);
4. O calendário civil, chamado também de Gregoriano (seguindo o sistema solar) é universalmente seguido por todos os cristãos e no mundo; todos, sem exceção,

¹ Veja livro: “A Pessoa do Messias nas Festas Bíblicas” publicado pelo nosso Ministério - AMES.

consideram o 1º. de Janeiro como o início do ano civil, já adotado mundialmente como o calendário padrão de todas as nações; De modo nenhum precisamos ser contra este calendário tão funcional, apesar de seguir o calendário judaico. Mas, o que eu aqui pergunto é: - por que o cristão não conhece os ciclos do tempo na base do calendário lunar e as festas bíblicas, p.ex., bem como os princípios que elas trazem?

5. A Igreja Católica diz que a ela foram entregues as “Chaves do Reino”, quando menciona Pedro como seu primeiro Papa. Ela, então, dentro de um conceito de infalibilidade define o verdadeiro do não verdadeiro, o certo e o errado, pois se vale desta autoridade firmada por tradição, que ela delegou a si mesma para definir os princípios da fé cristã. Assim, a partir do século IV ela decretou que é a substituta de Israel e do povo judeu. Ou seja, os judeus messiânicos (crentes em Yeshua) deveriam se converter ao catolicismo a partir daquela data para serem salvos, bem como, deveriam deixar de ser judeus, abandonando sua identidade. Paralelamente, a Igreja de Constantinopla publicou sua profissão de fé, pela qual todo judeu deveria renunciar a seus costumes, ritos, festas bíblicas, língua, orações, etc., além de exigir um juramento do judeu converso, o qual seria anátema caso um dia voltasse a ser judeu. Qual tem sido a posição da Igreja da Reforma quanto a este item? Por acaso ela reconhece e aceita o chamado irrevogável de D’us ao seu povo escolhido? Ou ela também se sente como substituta de Israel, sob a dispensação da graça desconectada da Torá?
6. A Igreja de Roma, através do Concílio de Antioquia, proibiu os cristãos de celebrarem a primeira festa do calendário litúrgico judaico, ou seja, a Páscoa, pois assim, as demais festas cujas datas são contadas a partir desta primeira festa estariam indiretamente também canceladas. A Igreja da Reforma também não ignora o real sentido messiânico das festas bíblicas, atribuindo-as somente ao judaísmo tradicional?
7. A Igreja Católica entende a graça de D’us como algo do NT e sem nenhuma conexão as leis da Torá. Como a Igreja da Reforma se posiciona quanto aos conceitos e princípios das leis em relação à vida de um crente em Jesus? Poderia esse crente se beneficiar dos aspectos qualitativos da Lei? Ou a ‘dispensação da graça’ anulou estes princípios? Vemos que há um grande abismo quanto ao entendimento do que vem ser a lei sob a forma de mandamentos, estatutos e ordenanças. Pouquíssimas leis são captadas pelos crentes da reforma, como por exemplo, o estatuto judaico do dízimo. Mas, e quanto às outras centenas de leis da Torá? Por acaso, D’us as deu só para o povo judeu se beneficiar delas? Por acaso elas foram anuladas pela graça e agora não podem abençoar a vida de um crente não judeu? Não seria um casuísmo ir ao AT somente para se beneficiar da lei judaica do dízimo e da prosperidade, desconsiderando todas as outras leis? Assim como o princípio da lei do dízimo abençoa aquele que crê e o pratica, assim também, outras centenas de leis² do AT estão disponíveis para os crentes em Jesus. Por que a Igreja da Reforma não se atentou ainda para a importância de tantas outras leis que preservam a graça e nos trazem da qualidade de vida? Por que será que há tanta dificuldade da Igreja Cristã entender as leis que são

² Veja o livro “Trazendo a Igreja de volta às suas raízes bíblicas e judaicas” publicado pelo nosso Ministério-AMES que aborda sobre este tema.

específicas para os judeus (como a circuncisão, p.ex.) das leis universais³ que se aplicam a todos?

8. Marcião ajudou a compilar o que denominou de Novo Testamento. Depois, ele definiu que o Tanach seria chamado de “Velho Testamento”, ou seja, livro só para os judeus e que o Novo Testamento seria para os cristãos. Mais tarde a Igreja Católica definiu a cronologia dos Livros da Bíblia independentemente da tradição e do pensamento judaico. Hoje, a Igreja da Reforma continua obedecendo aos mesmos princípios. Ou seja, as versões bíblicas da Reforma (King James, p.ex.) segue quase o mesmo padrão da Bíblia na versão católica de S.Jerônimo. Nessas bíblias encontra-se a terminologia “Velho e Novo Testamentos” e ambas diferem da ordem canônica e da cronologia bíblica judaica, além de conter vários erros de tradução quer por ignorância, quer propositalmente.
9. A Igreja Católica definiu que o Batismo seria em “Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Hoje a Igreja da Reforma segue a mesma fórmula e não se deu em conta que em nenhum lugar do Novo Testamento encontramos um apóstolo batizando assim, exceto em Mateus 28:19, que não aparece nos manuscritos mais antigos, conforme Eusébio de Cesaréia, em sua obra História Eclesiástica – São várias as passagens em que vemos os apóstolos batizando em nome de Jesus (Yeshua), como Atos 2:38;8:16;19:5; e outras passagens;
10. A Igreja Católica ao traduzir a bíblia para o latim perdeu vários sentidos das palavras e nomes. Por exemplo, o nome de Jesus, que no latim é “Iesus”, foi a transliteração do termo grego “Iesous”, que por sua vez é a transliteração da palavra hebraica “Yeshua”, que quer dizer “D’us é salvação”, nome este que consta tanto no AT como no NT. O mesmo acontece com o nome de D’us; Em hebraico tanto o nome de D’us como de Yeshua tem a mesma raiz (IHV, יְהוָה). Outro exemplo, poucos cristãos sabem o que significa o acróstico AMÉM⁴ ou o termo “Barách” que significa *abençoar*. No sentido hebraico “Barách” significa *conceder a alguém poder para que este que recebe a benção seja bem sucedido e próspero*. Existem inúmeros erros de tradução, frutos de desconhecimento da língua hebraica, a começar pela alteração dos nomes dos Livros da Bíblia, como Torá (Instrução, Ensino de D’us) para Pentateuco, de “Shemot” (Nomes) para Êxodo; de “Bamidbar” (No Deserto) para Números, etc. Qual tem sido o contexto no qual a Igreja da Reforma se baseia para interpretar as Escrituras? A cultura ocidental (européia e americana) influenciada pela cultura e pensamento helênico tem contextualizado a bíblia em suas próprias culturas, não dando a devida atenção ao seu contexto judaico e original.
11. A Igreja Católica afirma ser a fiel depositária da Palavra da fé. A Bíblia afirma que “*ao povo judeu foram confiados os oráculos de D’us*” (Rm 9:4). E, afinal, a Igreja da Reforma não tem afirmado o mesmo?
12. Quanto ao relacionamento Igreja e Israel, os cristãos na sua maioria têm praticamente a mesma postura de indiferença quanto ao povo judeu. O conceito

³ Há muitas leis na Torá que se aplicam a todos, como as leis éticas, familiares, morais, sociais, de saúde e higiene, trabalhistas e indenizatórias, de justiça, arrendamento de bens e muitas outras.

⁴ Amém = Acróstico da frase hebraica: “El Melech Neeman”, cujas primeiras letras formam a palavra “Amén”. Ou seja, “D’us Rei é fiel “ (para cumprir as suas promessas em minha vida). Jesus é o Amém, porque por meio Dele todas as promessas e bênçãos podem ser cumpridas na vida de um crente. Veja II Co 1:20.

de que os judeus foram os assassinos de D'us (deicídio), pensamento tão difundido na Igreja Católica durante os primórdios de sua fundação, ainda encontra espaço no meio da Igreja da Reforma. Ainda encontramos muito anti-semitismo no meio cristão. Os erros históricos como as Cruzadas, a Inquisição e o Holocausto são registros que deveriam nos obrigar a rever nossos conceitos em relação a Israel e ao povo judeu. O amor a Israel, o comprometimento com sua salvação, bem como os investimentos feitos pelos cristãos nos últimos séculos, têm sido insignificantes, se levarmos em conta os textos bíblicos que solicitam à Igreja interceder constantemente pela salvação do povo judeu, bem como ajudar os judeus (incluindo os messiânicos) de Israel com bens materiais (Rm15:27).

Poderíamos ainda citar mais e mais tópicos (propositalmente não mencionei o conceito trinitariano de S.Agostinho) sobre a necessidade da Restauração nos moldes da Igreja do Primeiro Século. A grande verdade é que a Igreja da Reforma herdou conceitos e tradições da Igreja de Roma que ainda não foram repensados. O porquê disso é que a Igreja da Reforma não atentou ainda para uma reconexão com Israel e seu povo. Ela ainda se vê independente de Israel, embora seus membros em Cristo tivessem sido enxertados na “Oliveira” (Israel), ela não consegue ter uma clareza dos ramos naturais que estão sendo re-enxertados, os judeus messiânicos que preservam sua identidade judaica, afim de que o cumprimento profético se conclua. Em minha opinião, a Igreja precisa entrar nesse movimento da Restauração, que visa voltar para a casa, voltar para as raízes da fé, para o contexto da Igreja do primeiro século, onde judeus e gentios crentes em Cristo, constituem a única família, a família de D'us (Ef 2:19). A Igreja hodierna precisa voltar para a casa onde nasceu e investir na salvação de Israel. O muro de separação entre gentios e judeus já foi quebrado conforme Efésios (2). O diabo sempre quis reconstruir este muro de separação, pois ele mesmo sabe que há uma autoridade na terra, a qual nem as portas do inferno prevalecem: - a Igreja! Eu não creio numa Igreja vitoriosa separada de Israel. Para mim não tem sentido um arrebatamento da Igreja gentílica sem a presença de Israel salvo. A Igreja idealizada por D'us inclui primeiramente os judeus, depois os gentios em Cristo. D'us em Sua soberania fez com que os judeus estivessem cegos e surdos em relação ao Messias Yeshua, mas por em tempo. No final, os últimos (os judeus) serão os primeiros. O chamado irrevogável de D'us para com Seu povo escolhido é inquestionável (Jr31:35-37; Rm 11:29). Ele, o Messias, não voltará para implantar o Seu Reino em Nova York ou em Paris ou mesmo em qualquer outra cidade do mundo. Ele voltará, cremos, em breve, para Jerusalém, Israel, e o Seu povo o receberá como Rei dos reis, conforme nos diz e confirma a Palavra.

Meu intuito não é dividir mais a Igreja Cristã, ao escrever este artigo. Pelo contrário, meu desejo sincero é a nossa unidade. Não se trata também de juntar todas as denominações cristãs numa só, não! Mas, aquilo que nos une (o sangue do Cordeiro Yeshua, sua salvação e vida eterna) deveria falar mais alto do que nossas diferenças. A igreja cristã deveria entender mais do seu papel quanto à salvação de Israel e de seu povo. Deveria ver Israel e os judeus em diáspora regressando à terra de seus ancestrais como sinais da vinda do messias Yeshua, Israel ainda é o “relógio” de D'us para o mundo. A igreja deveria ajudar todo judeu e seu descendente que se converter a Yeshua a preservar ou mesmo resgatar (como

no caso dos marranos) sua identidade judaica, pois ela está conectada ao cumprimento profético messiânico no contexto da restauração das tribos que constituirá o povo judeu remanescente na terra de Israel, para onde o Messias Yeshua retornará.

Agora eu gostaria de fazer um apelo a você: - não desista dessa visão da restauração! Se a Igreja da Reforma em seus quase quinhentos anos ainda é uma minoria em relação à Igreja de Roma, imaginemos nós da Restauração que estamos somente algumas décadas pregando essa mensagem? Na Europa os crentes evangélicos representam menos de 1% da população, no Brasil, 20%. Portanto, nós da Restauração, já conseguimos muito em tão pouco tempo. O Espírito de HaShem está soprando do mundo para Jerusalém, então, não navegue em sentido contrário. Não atrase a volta de Yeshua. Lute e permaneça firme. Haverá perseguições, oposições e injustiças contra nós, mas isto não é nada para D'us. Ele é soberano para que Sua vontade se estabeleça e prevaleça. Agora, a decisão de continuar firme nessa visão é totalmente sua! Este é o seu desafio, não um sonho, um desejo.

Finalmente, conforme o Evangelho de João, Yeshua rogou para que nós fôssemos um, assim como Ele e o Pai também o são, afim de que o mundo creia que Ele, o Messias, foi enviado por parte de D'us (Jo 17:21). O Noivo espera ver sua “Noiva” num só Corpo e numa só família, judeus e gentios crentes (Ef 2:19). É tempo de restaurar. É tempo de voltar às nossas raízes. É tempo de voltar para a casa. Por isso, é tempo de reconciliar e declarar nossa unidade e as Boas Novas até aos confins da Terra.

Maran Ata ! Seja breve sua Vinda, Senhor Yeshua Há Mashiach !

(*) **Marcelo Miranda Guimarães**, engenheiro industrial, MBA em economia e finanças. Teólogo, rabino messiânico ordenado pelo Instituto Netivyah de Jerusalém –Israel e pela UMJC. Apóstolo ordenado pelo Tikkun International de Israel e EUA. Fundador e presidente do Ministério Ensinando de Sião e da Congregação Har Tzion em Belo Horizonte-MG- www.ensinandodesiao.org.br e siao@ensinandodesiao.org.br. Acompanhe nossos serviços ao vivo: todos os sábados, às 10 horas, pela TV Siao, acessando www.tvsiao.com.

Para fazer sua doação, entre no nosso site www.ensinandodesiao.org.br e clique “Doações” ou se quiser, faça seu depósito direto no Banco Itau, agência 4508- conta 01457-0 – CNPJ 01617384/0001-59 nos enviando o recibo ou um aviso de depósito por email.